

# 1

## Estudando filosofia

### O QUE É FILOSOFIA?

A filosofia não se parece com nenhuma outra disciplina. Mesmo os filósofos profissionais consideram bastante difícil definir o que é a filosofia e, com frequência, eximem-se de declarar o que a filosofia é, preferindo dar exemplos de coisas que os filósofos fazem. A definição dos dicionários para “filosofia” (e também a tradução literal da origem grega da palavra) é “o amor pela sabedoria”, algo que parece se estender a quase tudo (de fato, a filosofia engloba o estudo da ciência, da arte e da linguagem e, para quase toda disciplina que se possa pensar, haverá uma “filosofia da” tal disciplina).

Mas o que diferencia a filosofia de outras disciplinas? Embora a filosofia de fato tenha suas próprias áreas de pesquisa, uma das suas características mais distintivas não é tanto *o que* se estuda, mas *como* se estuda – e é isso que faz a experiência de estudar filosofia bastante diferente da experiência de estudar qualquer outra disciplina. Na filosofia, aprendemos a identificar e a pensar com cuidado sobre nossas mais simples ideias e teorias – aquelas que sustentam toda a busca pelo conhecimento que fazemos em outras áreas. Isso já foi caracterizado como “um trabalho parecido com o do encanador” ou como “engenharia conceitual”.<sup>1</sup> Buscamos examinar o que está por trás de nossas preocupações cotidianas, os sistemas e as estruturas que sustentam nosso pensamento (e que em geral sequer percebemos), bem como testar sua solidez.

Por causa dessa abordagem distinta, em geral é mais fácil entender a natureza da filosofia por meio de exemplos de como se “faz filosofia” do que pela definição de seu campo de estudos. Isso ajuda-nos a apreciar de maneira mais completa de que modo – mesmo quando o objeto de nosso estudo é comum a mais de uma disciplina – a filosofia tem uma contribuição diferenciada a fazer para nosso conhecimento e nossa compreensão do mundo.

### Estudo de caso

Liz foi pega roubando em uma loja de departamentos pela terceira vez em três semanas. A polícia foi chamada e Liz, presa, acusada de roubo. Quando seu caso foi a julgamento, o advogado de defesa argumentou que Liz era cleptomaniaca.

Por que essa argumentação é relevante e que diferença pode trazer ao caso?

Um exemplo como esse pode ser discutido por várias disciplinas universitárias:

- No Direito, pode-se considerar se a cleptomania de Liz deve ou não ser levada em consideração no momento de decidir sobre a sentença criminal mais adequada.
- Na Psicologia, pode-se investigar se a cleptomania corresponde a uma doença mental, que pode ou não ser tratada eficazmente.

Contudo, na filosofia, estudamos as questões *subjacentes* suscitadas pelo caso – questões que dizem respeito ao livre arbítrio humano e à responsabilidade.

Define-se a cleptomania como “tendência irresistível ao roubo” – se Liz for cleptomaniaca, ela se sente compelida a roubar? O que, exatamente, significa ser “compelida” em tal contexto? Em que medida isso é diferente de se ter de roubar sob a ameaça de uma arma?

Se a cleptomania de Liz for de fato um comportamento compulsivo, ela não consegue agir de outro modo – ou seja, se esse for o caso, ela não teve escolha. Impõe-se a questão: somos responsáveis por ações sobre as quais não temos escolha? Eu não escolho pegar uma gripe e, por causa dela, não posso deixar de escolher buscar ajuda dos outros (de minha família, dos meus amigos, do sistema de saúde) enquanto estiver gripado – e não posso ser culpado por isso. De que modo a situação de Liz é diferente?

Por meio dessas perguntas subjacentes e da busca de respostas a elas, a filosofia ajuda-nos a entender diferentemente o caso de Liz, mas também nos ajuda a fazer muito mais do que isso. A filosofia incentiva-nos e nos capacita a explorar o quadro geral que está por trás das particularidades da situação de Liz – a examinar as ideias e os princípios que sustentam tal caso: ideias e princípios que dizem respeito à liberdade humana e à responsabilidade por nossas ações, bem como à conexão entre essas duas noções.

É a partir da perspectiva filosófica que podemos perguntar (por exemplo): “Se sou geneticamente predisposto a correr riscos, a ter um comportamento agressivo, devo ser responsabilizado por isso?” – ou, no limite: “Se a

ciência, em última análise, for capaz de oferecer uma explicação completa de todo meu comportamento, serei então verdadeiramente livre?”

Essas questões filosóficas são também cruciais para que tenhamos uma base para abordar as questões práticas levantadas no âmbito de nossas outras investigações. Precisamos desenvolver nossa compreensão do que é ser responsável por nossas ações, antes de formar um juízo sobre várias questões – por exemplo, as que dizem respeito a quem é capaz de tomar decisões autônomas: crianças, adultos com dificuldades de aprendizagem, pessoas que estejam sob o efeito de drogas.

Assim, esse estudo de caso ajudará a entender como a filosofia não está apenas preocupada com grandes teorias abstratas: ela também tem implicações reais na vida cotidiana.

### **Sobre o que pensam os filósofos**

Embora o estudo da filosofia e as habilidades que ela acarreta possam ser aplicadas a qualquer área do conhecimento, há algumas questões filosóficas que conduzem boa parte das investigações. São elas:

- O que existe?
- O que pode ser conhecido?
- Como se deve viver?
- O que é um bom raciocínio?

Essa lista não deixa de ser controversa e alguns filósofos diriam que deveríamos incluir outras questões ou que deveríamos dispensar outras. Contudo, a maior parte dos filósofos em atividade hoje reconheceria o valor de tais questões como concernentes ao núcleo da filosofia, e que elas oferecem uma visão básica dos tipos de questões que você estudará como aluno de filosofia.

### **O QUE EXISTE OU O QUE HÁ?**

Essa é a base de um ramo da filosofia chamado de **metafísica**. Embora um físico pudesse responder citando algo sobre a natureza da realidade física, e um sociólogo algo sobre a natureza das sociedades, um metafísico buscaria os conceitos fundamentais e as teorias subjacentes que nos dizem como é sequer possível fazer perguntas sobre física e sociologia ou mesmo sobre a vida cotidiana. O que é uma coisa individual? Como as partes formam um todo? Quais são as propriedades das coisas? O que é um fato? Como funcionam as causas? Mas podemos fazer perguntas metafísicas sobre outros campos de in-

investigação. O que são os números? O que é uma pessoa? As entidades teóricas e inobserváveis, como os *quarks*, de fato existem? As partes de uma sociedade são reais? Um universo feito apenas de espaço vazio tem sentido? Todas essas são igualmente perguntas metafísicas, quando colocadas no contexto da investigação filosófica.

Alguns filósofos perguntaram-se sobre a verdadeira natureza do próprio ser, tentando descobrir se há algo significativo a ser dito sobre o modo como nós, investigadores capazes de refletir acerca de nossa própria existência, nos relacionamos com a realidade. Outros perguntaram por que há alguma coisa em vez de nada; outros usaram conceitos metafísicos para sondar os conceitos e a natureza de Deus e dos deuses, das mentes, do tempo, da arte, da história e até dos formigueiros – enfim, de todos os aspectos da experiência e da investigação humanas. Finalmente, houve filósofos que argumentaram que as perguntas metafísicas não têm sentido ou que, na melhor das hipóteses, têm pouco valor, enquanto outros têm tentado demonstrar que *toda* espécie de investigação requer uma metafísica. A história da metafísica é rica e, sozinha, tomaria toda uma vida de estudos.

### ***O que pode ser conhecido?***

Essa é a pergunta central da **epistemologia**, o estudo do conhecimento. Outras questões básicas são: o que é o conhecimento? De que forma o conhecimento é diferente da crença? Podemos conhecer algo sem a experiência? Será que podemos mesmo dizer que conhecemos algo? Esse é o grande problema do ceticismo que muitas vezes surgiu na história da filosofia sob diferentes roupagens. Assim como na metafísica, podemos perguntar sobre o *status* do conhecimento em outras áreas. Qual é a natureza do conhecimento científico? Como é que se dá o conhecimento na Matemática? O que é a crença religiosa? Que conhecimento podemos ter de outras mentes? E assim por diante. Podemos voltar essa linha de investigação à própria filosofia e perguntar sobre o *status* do conhecimento filosófico. As questões epistemológicas também estiveram no centro da filosofia na maior parte de sua história. Os tratamentos técnicos da epistemologia são abundantes na filosofia e, uma vez arranhada a superfície, ir a fundo nas questões epistemológicas pode ser extremamente compensador e envolvente.

### ***Como se deve viver?***

Os problemas suscitados pela **ética** talvez sejam mais familiares do que aqueles relacionados à metafísica e à epistemologia. Talvez nos perguntemos se lutar em uma determinada guerra é justificável ou se mentir está sempre

errado. Talvez tenhamos passado por experiências pessoais que implicaram escolhas morais muito difíceis, como em casos de eutanásia, aborto, igualdade social ou política, tratamento de animais, o que comer, comportamento sexual e assim sucessivamente. A filosofia volta-se a essas questões de valor para tentar encontrar modelos que possam nos ajudar a fazer melhores escolhas – e também se volta a questões mais profundas da moralidade em si. O que constituiria o humano? Qual é a base do comportamento ético? O que é ser virtuoso? O bem da maioria suplanta o bem da minoria ou do indivíduo? Temos obrigações morais para com os outros? Qual a relação entre valores seculares e religiosos?

Além disso, juntamente com essa linha de questionamento talvez também encontremos a investigação filosófica que se volta à natureza da sociedade e aos valores que gostaríamos que ela refletisse. É mais importante que os indivíduos sejam livres para agir como desejam ou que a sociedade seja ordenada e justa? Deve haver a redistribuição positiva da riqueza aos pobres? Que tipo de sociedade faríamos se não soubéssemos o papel que temos nela? O que é uma lei?

A filosofia moral e a ética são tópicos fundamentais da filosofia e, pode-se dizer, aqueles que mais geram debates e controvérsias entre não-filósofos. Observando um determinado valor de maneira mais geral, podemos incluir questões sobre o *status* de nossas experiências estéticas e a natureza da arte em uma investigação de como se viver uma vida valorosa, uma vida que valha a pena. A **estética**, a filosofia da arte em termos mais amplos, nunca se afastou das preocupações dos filósofos. Também podemos fazer perguntas metafísicas e epistemológicas sobre valores, ética e estética.

### ***O que é um bom raciocínio?***

Pensar de maneira clara e crítica é crucial para a filosofia. Assim, não é surpresa que as questões sobre o raciocínio sejam parte do repertório filosófico. O que todos os bons raciocínios têm em comum? A racionalidade é algo inerente ao nosso cérebro? A racionalidade foi sempre a mesma em todos os tempos e lugares? A **Lógica** é frequentemente a primeira coisa que vem à mente quando pensamos sobre o raciocínio, e é hoje um campo altamente especializado que informa boa parte da tecnologia contemporânea, direta ou indiretamente, na informática, por exemplo. Mas a lógica formal, que usa símbolos para representar as formas dos argumentos, é apenas parte da história, e os filósofos sempre se dedicaram a encontrar caminhos para definir a maneira adequada de pensar de modo mais geral. Diferentemente das abordagens psicológicas que são descritivas, os estudos filosóficos do pensamento crítico tendem a voltar-se a encontrar e a definir as melhores estratégias, de um modo que se diferencie um pensamento adequado de um pensamento inadequado.

Podemos expandir essas ideias, porque há uma conexão com os pensamentos dos filósofos sobre a natureza e sobre o papel da linguagem em nosso pensar. Os filósofos têm-se perguntado sobre como o significado relaciona-se com a verdade e com o mundo. A **filosofia da linguagem** é um ramo, em grande medida, moderno da filosofia e que se dedica ao modo como funciona a linguagem, como ela adquire significado, refere-se ao mundo e limita ou estrutura nossas experiências no mundo – questões que tocam todas as outras questões da filosofia.

É claro que para qualquer questão que você aborde na filosofia haverá uma mistura diferente de tópicos metafísicos, epistemológicos, éticos e lógicos a considerar. Esta breve pesquisa que aqui fazemos dará a você uma ideia do que está por vir em seus estudos futuros.

## **POR QUE ESTUDAR FILOSOFIA?**

Por ter decidido estudar filosofia ou mesmo se tiver apenas apanhado este livro para entendê-la melhor, é provável que você já esteja motivado por um interesse na filosofia – pelas questões a que ela se propõe, pelos métodos que usa – e na impressão de que há algo especial em ser um filósofo. Vamos dar uma olhada no estudo da filosofia de maneira mais detalhada, para ver por que pensamos que ela tem valor e o que você tem a ganhar com isso.

O estudo da filosofia prepara-nos para pensar cuidadosa e claramente sobre questões importantes. Precisamos ser capazes de olhar além e por baixo das circunstâncias específicas ou dos exemplos (como no caso da cleptomania que citamos), examinar se nossas crenças, nossas teorias e nossos argumentos contêm hipóteses ocultas ou lacunas que podem nos levar a conclusões equivocadas ou a defender opiniões incongruentes. Embora possamos, em nossa vida cotidiana, aceitar sem muitos questionamentos o saber que recebemos, é de vital importância que sejamos capazes de examinar criticamente as questões, identificando pontos em que opiniões subjacentes influenciam áreas de nosso pensamento (para o bem ou para o mal), e que também saibamos identificar quais seriam as consequências decorrentes de uma mudança de perspectiva.

É nesse ponto que a filosofia entra em cena. Ao estudar filosofia, aprendemos a dar um passo para trás em nosso pensamento cotidiano e a explorar as questões maiores e mais profundas que fundamentam nosso pensamento. Aprendemos a identificar as conexões ocultas e os raciocínios falhos, e buscamos desenvolver nosso pensar e nossas teorias, de modo que estejam menos propensos a erros, lacunas ou incongruências. Essa é uma contribuição vital para o conhecimento humano. E também uma habilidade crucial para a vida.

Ao estudar filosofia na universidade, você não aprenderá somente a controlar uma área do conhecimento. “O núcleo da filosofia é um conjunto de modos de pensar” – o foco de seu estudo filosófico será aprender não em que

acreditar, mas como pensar. Esse é um dos pontos fortes, e um dos principais benefícios, sim, que distinguem o estudo da filosofia. Enquanto o conhecimento aprendido em outras disciplinas fica obsoleto por causa de descobertas e inovações, a capacidade de pensar não ficará. Na verdade, ela dará a você as “ferramentas” do pensamento de que você precisa para reagir a situações em que há mudança.

Estudar filosofia aguça sua capacidade analítica, preparando-o para identificar e para avaliar os pontos fortes e fracos de qualquer posição. Também afia sua capacidade de construir e de articular argumentos convincentes por conta própria. Você também se sentirá mais à vontade para trabalhar nas intersecções disciplinares e para pensar de maneira flexível e criativa sobre os problemas para os quais não há solução imediata. Pelo fato de uma filosofia ser uma atividade tanto quanto uma área do conhecimento, ela também desenvolve sua capacidade de pensar e de trabalhar independentemente.

Não há áreas proibidas à investigação filosófica, e as técnicas filosóficas são aplicáveis universalmente. Diferentes escolas filosóficas têm defendido sistemas que pintam todos os aspectos da vida humana de maneiras bastante contrastantes. Nele, você verá diferentemente o universo e o lugar da humanidade, se for ateu ou se for crente; se você acreditar que todo o nosso conhecimento deriva da experiência e não de uma combinação de experiência e razão; se você acreditar que nossa vontade é totalmente determinada por leis causais e que não é capaz de agir livremente. Mesmo que você suspenda seu julgamento acerca de tais questões (como alguns filósofos fazem de maneira justificada), o que você estudar delas fará com que se sinta enriquecido pelo entendimento da complexidade das ciências físicas e humanas, algo de que alunos de outras disciplinas talvez se ressentam.

Todas essas capacidades aumentarão a sua experiência educacional enquanto você estiver estudando, mas elas também farão uma diferença duradoura em sua vida. Tais qualidades são muito exigidas no mundo de hoje – os empregadores de todas as áreas buscam recrutar líderes potenciais que saibam analisar, julgar, resolver problemas, influenciar e que tenham flexibilidade, criatividade e alta capacidade comunicativa.<sup>2</sup> Embora todos os cursos de graduação busquem desenvolver essas capacidades, pode-se dizer que nenhuma disciplina as atende tão bem quanto a filosofia.<sup>3</sup> A graduação em filosofia, portanto, dará a você excelentes fundamentos para seu futuro – o enfoque dado ao desenvolvimento do pensamento crítico é algo que se valoriza em todas as esferas da vida.

## **O QUE IMPLICA ESTUDAR FILOSOFIA?**

O enfoque principal do restante deste livro será dar-lhe uma ideia do que esperar de seus estudos de graduação (e do que os cursos de graduação

esperam de você). O livro o ajudará a desenvolver as habilidades filosóficas necessárias para completar com sucesso o curso que escolheu. Então analise-os em maiores detalhes o que acarretará estudar filosofia.

O primeiro, e talvez mais importante, ponto a ser observado é que estudar filosofia em nível de graduação será bastante diferente de suas experiências de aprendizagem na escola ou em nível inferior ao universitário (independentemente de quanto tempo faça que você concluiu seus estudos secundários). Mesmo que já tenha estudado filosofia antes, os cursos de graduação exigem que você desenvolva e demonstre um nível bastante diferente e uma amplitude maior em sua capacidade filosófica – se você for inteiramente inexperiente no estudo da filosofia, é mais do que provável que sua experiência anterior não o tenha preparado para a experiência de leitura necessária a um curso de graduação em filosofia. Muitas dessas diferenças serão previsíveis se considerarmos o que acabamos de dizer sobre a natureza distinta da filosofia – contudo, vale a pena ser explícito sobre o que esperar, já que muitos alunos constatam que a transição para um curso de graduação em filosofia é desafiadora.

Talvez a maior diferença do curso de graduação em filosofia seja conferir grande ênfase à capacidade de analisar e de, então, construir argumentos. Como já dissemos, a filosofia é tanto uma atividade como uma área do conhecimento, assim a precisão factual – embora importante – não será por si só suficiente para fazer com que você obtenha notas excelentes.

Conhecer os grandes pensadores do passado e suas teorias é fundamental para os estudos – como em qualquer disciplina, é importante desenvolver uma compreensão minuciosa dos tópicos principais da área. Contudo, a filosofia na graduação é muito mais do que a história das ideias – seus professores de filosofia em geral estarão muito mais interessados em como você analisa as teorias discutidas e em como estrutura seus próprios argumentos relativos a elas. Eles também estarão interessados em saber o que você pensa, e não só o que conseguiu aprender sobre o que os outros disseram sobre o tema estudado – você *aprenderá a fazer* filosofia e não *sobre* filosofia: e a melhor forma de fazer isso é arriscar ter seus próprios argumentos.

Há, é claro, um equilíbrio a ser atingido aqui – você precisa desenvolver suas ideias não em um vácuo, mas levando em consideração as teorias filosóficas de outros. Se quiser tirar o máximo de seu curso, deve tentar filosofar, e não só aprender sobre os filósofos. Essa é a principal diferença de fazer filosofia – o sucesso depende não só de absorver o conhecimento, mas de desenvolver e demonstrar o seu próprio entendimento crítico das questões estudadas e o modo como interage com elas. Pelo fato de a filosofia somente em pequena medida tratar da transmissão do conhecimento, a ênfase está na filosofia como uma atividade e um processo, mais do que em um simples produto. Você aprende as virtudes filosóficas de revelar e examinar hipóteses ocultas; de detectar confusões conceituais e de esclarecê-las; de revelar e resolver contradições, e assim sucessivamente.

Assim como ocorre com outras disciplinas, a filosofia é em geral contestada. Em vez de haver um só corpo de conhecimento aceito que devamos aprender, somos apresentados a uma gama de teorias conflitantes que fazem com que usemos a razão e argumentemos sobre seus méritos respectivos. Com frequência, não haverá soluções perfeitas para os problemas filosóficos. Algumas respostas podem ser mais bem-defendidas, ou nos equipam melhor para lidar com outras questões, mas nenhuma detém um lugar permanente, fixo e incontestável no pensamento de todos os filósofos. Assim, desde o começo precisamos entender que a filosofia tem o potencial de mudar o modo como pensamos sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre tudo que nele está. Você precisará pôr em questão suas próprias ideias e as ideias e teorias de outros, para ver como elas funcionam ou como poderiam se desenvolver.

A fim de fazê-lo, o estudo da filosofia exige que nós pensemos muito mais cuidadosamente, usando métodos muito mais rigorosos em nossos questionamentos do que aqueles com que possamos estar acostumados. Embora isso possa parecer difícil no início, fique ciente de que as habilidades envolvidas no pensar e no trabalhar filosóficos podem ser identificadas e praticadas. O propósito deste livro é analisar as demandas que distinguem o estudo da filosofia e apresentar algumas estratégias para o desenvolvimento das habilidades necessárias.

Vale a pena observar que estudar filosofia é algo que pode representar um desafio especial se seu curso de graduação estiver conjugado com outras disciplinas. As qualidades que constituem um bom trabalho em filosofia não são precisamente as mesmas que são estimadas no trabalho das outras disciplinas – você provavelmente precisará ajustar sua abordagem de acordo com as ênfases e a particularidade de cada matéria estudada.

Você, hoje, talvez se sinta inclinado a estudar filosofia na universidade porque já começou a pensar filosoficamente. Por outro lado, sua decisão pode ser um salto para o desconhecido. Um conselho: se você for o tipo de pessoa que gosta de chegar a respostas definitivas, organizadas e irretocáveis – e/ou se começou seus estudos esperando “descobrir o sentido da vida” –, há uma grande chance de que você ache o estudo da filosofia um tanto quanto frustrante, embora isso não necessariamente signifique que você não venha a considerar o estudo da filosofia satisfatório e compensador. Depois de aprender a olhar para as coisas filosoficamente, questões que antes pareciam dadas passarão a ser problemáticas. Com frequência você será capaz de ver todos os lados de uma mesma história, e claras distinções entre o bem e o mal poderão se tornar muito mais obscuras. Em geral, a filosofia amplia nossa compreensão não por ampliar nosso conhecimento, mas por ampliar aquilo que sabemos sobre o que fazemos e conhecemos. A capacidade de lidar com essas espécies de incerteza, e de superá-las, certamente o ajudará a vicejar no estudo da filosofia.

## RESUMO

Este capítulo apresentou os tipos de questionamentos que formam a base do estudo da filosofia como disciplina e as habilidades a serem desenvolvidas enquanto se estiver aprendendo a ser um filósofo. Analisar mais profundamente essas habilidades e apresentar várias estratégias para praticá-las e melhorá-las será o enfoque do restante deste livro.

## NOTAS

1. A analogia entre a filosofia e o trabalho do encanador foi elaborada por Mary Midgley; a definição de filosofia como “engenharia conceitual” é de Simon Blackburn. Os dois autores apresentam introduções bastante acessíveis à filosofia.

Midgley, Mary (1992). “Philosophical plumbing”, in A. Phillis Griffiths (ed.) (1992), *The Impulse to Philosophise*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 139-152.

Blackburn, Simon (1999), *Think: A compelling Introduction to Philosophy*. Oxford: Oxford University Press.

(Ver também o Capítulo 3, para mais discussões acerca do argumento de Midgley).

2. Essa citação foi retirada do *Subject Benchmark Statement for Philosophy*, que delinea o que se pode esperar de um curso de filosofia em qualquer universidade do Reino Unido – inclusive as habilidades e os atributos pessoais que um aluno deve desenvolver durante o curso:

Quality Assurance Agency for Higher Education (2000), *Philosophy Subject Benchmark Statement*. Gloucester: Quality Assurance Agency for Higher Education.

O texto integral está disponível em [www.qaa.ac.uk/academicinfrastructure/benchmark/honours/philosophy.asp](http://www.qaa.ac.uk/academicinfrastructure/benchmark/honours/philosophy.asp)

3. Maiores detalhes sobre quais qualidades os empregadores estão procurando nos alunos de pós-graduação e de como a filosofia pode prepará-lo para atender a tais exigências, podem ser encontrados em:

*Employability: Where Next? Unlocking the Potential of your Philosophy Degree* (2007), Leeds: Subject Centre for Philosophical and Religious Studies, disponível para download em [http://prs.heacademy.ac.uk/publications/emp\\_guides.html](http://prs.heacademy.ac.uk/publications/emp_guides.html)

4. Algumas provas independentes que sustentam a alegação de que a filosofia tem pontos fortes que a distinguem nesse campo são apresentadas por uma análise comparativa de perfis de pós-graduação em diferentes disciplinas realizada pelo *Council for Industry and Higher Education*:

Kubler, Bianca and Forbes, Peter (2006), *Degrees of Skill: Student Employability Profiles: A Guide for Employers*. London: Council for Industry and Higher Education.

O relatório completo está disponível em [www.cihe-uk.com/publications.php](http://www.cihe-uk.com/publications.php)